

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VALDIR RIBEIRO

**ANGÚSTIA, MELANCOLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NOS JOVENS ESTUDANTES  
DO SÉCULO XXI: DIÁLOGOS ENTRE A FILOSOFIA DE KIERKEGAARD E A  
OBRA “INFÂNCIA” DE GRACILIANO RAMOS**

CURITIBA

2018

VALDIR RIBEIRO

ANGÚSTIA, MELANCOLIA E SUAS IMPLICAÇÕES NOS JOVENS ESTUDANTES  
DO SÉCULO XXI: DIÁLOGOS ENTRE A FILOSOFIA DE KIERKEGAARD E A OBRA  
“INFÂNCIA” DE GRACILIANO RAMOS

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Ensino de Filosofia no Ensino Médio.

Orientador: Darice Alessandra Deckmann Zanardini

CURITIBA

2018

## RESUMO

Neste trabalho, propomo-nos a investigar e analisar um problema que acompanha a humanidade desde os seus primórdios: a angústia. A inquietação da alma, angústia ou melancolia, de acordo com as pesquisas realizadas, é apresentada não como um mal ou uma doença, mas como uma possibilidade de se alcançar a infinitude humana. A angústia é abordada conceitualmente por Kierkegaard em seu livro “O conceito da angústia”. De acordo com Kierkegaard, a angústia possui um papel motor e motivador. Essa também se relaciona às nossas escolhas, cuja finalidade é nos libertar da finitude material. A angústia é abordada e vivenciada na obra “Infância”, de Graciliano Ramos. O personagem-narrador sofre na carne e na alma as agruras impostas pelos pais, professores e colegas de escola. Além destes, o escritor brasileiro Moacyr Scliar também explora este tema em dois textos apresentados neste trabalho. Os textos de Scliar mostram como a tristeza da alma pôde e pode influenciar o espírito criador através do tempo e do espaço. A relevância deste trabalho se dá pelo fato de alunos de ensino médio viverem em uma modernidade que os pressiona e que os faz estar em quase constante estado de angústia. Pretendemos, assim, auxiliar o aluno na compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca, a partir de problematizações e de questionamentos mostrados nos textos filosóficos e de experiências apresentadas nos textos literários e na poesia, pois espera-se que o discente entenda que muitas dúvidas do passado ainda fazem parte do presente.

**Palavras-chave:** Kierkegaard, Angústia. Liberdade de escolha. Melancolia. Infinitude humana.

## ABSTRACT

In this work, we propose to investigate and analyze a problem that accompanies the humanity since its beginning, the anguish. The restlessness of the soul, anguish or melancholy, according to the researches carried out, is presented not as an evil or a disease, but as a possibility of reaching human infinity. Anxiety is conceptually addressed by Kierkegaard in his book "The Concept of Anxiety". According to Kierkegaard, anxiety has a driving and motivating role. It also relates to our choices, which is to free ourselves from the material finitude. The anguish is approached and experienced in the work "Childhood", written by Graciliano Ramos. The narrator character suffers in the flesh and soul the hardships imposed by his parents, teachers and school friends. Besides these authors, the Brazilian writer Moacyr Scliar also explores this theme in two texts presented in this work. The texts of Scliar show us how the sadness of the soul could and yet can influence the creative spirit through time and space. The relevance of this work is given by the fact that students who live in this modern world are under pressure, they are pushed to make decisions and because of this they have experienced a constant state of anguish. In this way we intend to help the student in understanding himself and the world that surrounds him, based on problematizations and questions shown in philosophical texts and experiences presented in literary texts and in poetry, since the student is expected to understand that many doubts from the past are still part of the present.

**Keywords:** Kierkegaard. Anguish. Freedom of choice. Melancholy. Human infinity.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>5</b>
<b>2. A PRESENÇA DA ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS</b>	<b>7</b>
<b>2.1. Kierkegaard e uma visão crítica acerca da angústia</b>	<b>7</b>
<b>2.2. A angustiante liberdade de escolha em Graciliano Ramos</b>	<b>10</b>
<b>3. SCLAR E A LITERATURA COMO ELEMENTO REVELADOR DOS ESTADOS DA ALMA</b>	<b>14</b>
<b>4. PROPOSTA METODOLÓGICA A SER APLICADA NO ENSINO MÉDIO</b>	<b>18</b>
<b>5. CONCLUSÃO</b>	<b>21</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>24</b>

# 1. INTRODUÇÃO

*O temperamento melancólico é um temperamento metafórico, propenso, pois, à criação na filosofia, na poesia, nas artes.*

*Moacyr Scliar*

De acordo com o Dicionário da Academia Brasileira de Letras<sup>1</sup>, angústia pode significar aflição, agonia, desassossego. No mesmo dicionário, a definição de melancolia é entendida como estado mórbido caracterizado por grande depressão, abatimento moral e físico, profunda tristeza, medo e desânimo.

Dessa forma, não há como não relacionar o sentimento de angústia com a melancolia. Tais sentimentos nos acompanham desde os primórdios da humanidade. Em textos filosóficos clássicos e/ou contemporâneos, na poesia e na literatura encontramos menção à angústia ou à melancolia. Também em alguns trechos bíblicos são mencionados diversos casos de angústia, aflição e melancolia.

De acordo com Ferguson (2013, p. 80), desde a época de Kierkegaard a filosofia tem-se mostrado cada vez mais divorciada da vida comum, do dia a dia. Essa tornou-se uma disciplina abstrata e acadêmica, de linguagem e concepções próprias e aparentemente pouca ou nenhuma relevância para a vida que levamos. Portanto, acreditamos que o dialogismo entre a filosofia e a literatura pode servir como suporte às ansiedades do jovem contemporâneo.

Especificamente, acerca da filosofia, podemos citar um excerto de “Carta sobre a felicidade”, de Epicuro, no qual o autor adverte o jovem sobre a importância da filosofia no trato com um dos males da humanidade, o medo do porvir:

A filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer por meio da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir. (EPICURO, 2002, p.14).

Pelo fato de vivenciarmos essa problemática (medo, aflição, angústia) no cotidiano do discente de ensino médio, surgiu o interesse em mostrar a esse aluno

---

<sup>1</sup> Dicionário Escolar da Língua Portuguesa/ Academia Brasileira de Letras. Ed. 2. São Paulo: Editora Nacional, 2008. (p.139).

que a angústia e a melancolia são sentimentos que fazem com que nos sintamos mais humanos - e isto é o que separa o homem racional do emocional.

Ademais, entendemos que as mudanças físicas e psicológicas pelas quais o jovem contemporâneo, estudante de nível médio, passa, são semelhantes às mudanças de um jovem do século XIX ou de um jovem da antiguidade no que diz respeito à própria transição para a fase adulta. No entanto, os problemas e pressões da vida moderna os impulsionam a um estado de extrema tensão e angústia. Isso pode desencadear outro problema muito comum entre a juventude contemporânea: a melancolia.

A angústia, à primeira vista, pode parecer algo estritamente emocional; contudo, ao nos depararmos com algumas afirmações de Kierkegaard, notamos que essa pode ser entendida como algo racional, na medida que compreendemos que é por intermédio da experimentação da angústia que o ser humano se distancia de seu estado animal. Para o pensado, a angústia é a possibilidade da liberdade.

Aquele que é formado pela angústia é formado pela possibilidade, é só quem é formado pela possibilidade está formado de acordo com a sua infinitude. (KIERKEGAARD, 2013, p.162).

Conseqüentemente, os textos filosóficos, em especial a obra “O conceito de angústia”, de Kierkegaard, em consonância com a música, com a literatura e com outros textos de apoio, podem apontar caminhos para um enfrentamento mais significativo e mais objetivo a esse tema que assola não apenas o jovem, mas praticamente todos os seres humanos.

## 2. A PRESENÇA DA ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS

### 2.1. Kierkegaard e uma visão crítica acerca da angústia

Kierkegaard, em seu livro “O conceito de angústia”, aborda a questão da angústia no sentido metafísico-dogmático. Não queremos, simplesmente, nos contrapor a essa ideia, mas sim pretendemos, por intermédio de Kierkegaard e de outros pensadores, apontar um caminho que não seja essencialmente dogmático, pois, como seres humanos, somos dotados de inteligência e de vontades que, cremos, ultrapassam este viés religioso.

A angústia é entendida, tanto pelos pensadores clássicos quanto por Kierkegaard, como dor da alma, no entanto Kierkegaard vê a causa deste problema pela ótica da religião, ou seja, este mal se origina a partir do pecado cometido pelos homens.

Ao lermos “Sobre a tranquilidade da alma”, do filósofo grego Sêneca, notamos que se mantém o sentido metafísico de angústia, o qual Sereno<sup>2</sup> chama de enfermidade da alma.

Que enfermidade é essa, de uma alma que hesita entre duas vias, sem inclinar-se com força nem para o bem, nem para o mal, não posso explicar-te de uma vez, mas por partes. (SÊNECA, 2014, p. 121).

É importante salientar que Kierkegaard, em seus escritos, independentemente de questões dogmáticas, abordava questões atemporais inerentes à existência humana: agimos pelo fator estético, o qual faz com que elementos externos dirijam nossas ações, ou pelo fator ético, determinado por elementos internos, necessários para reconhecermos se algo é bom ou ruim. A indecisão entre escolher este ou aquele fator pode nos levar a um conflito desencadeado por aquilo que chamamos de liberdade e o resultado seria a angústia.

---

<sup>2</sup> Aneu Sereno é aqui mero personagem ficcional do diálogo. SÊNECA, Lúcio Aneu. Sobre a ira – Sobre a tranquilidade da alma. Tradução, José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.



A angústia pode-se comparar com vertigem. Aquele, cujos olhos se debruçam a mirar uma profundidade escancarada, sente tontura. Mas qual é a razão? Está tanto o olho quanto no abismo. Não tivesse ele escancarado a fundura! Deste modo, a angústia é a vertigem da liberdade, que surge quando o espírito quer estabelecer a síntese, e a liberdade olha para baixo, para sua própria possibilidade, e então agarra a finitude para nela firmar-se. (KIERKEGAARD, 2010. p. 66).

Ademais, deve-se destacar que Kierkegaard não se vale do pensamento reducionista acerca da angústia, ou seja, não devemos nos equivocar e acreditar que o filósofo defendia a simples relação de causa - culpa, pecado - e consequência: angústia.

Kierkegaard aponta que nós, seres humanos, ao nos aprofundarmos nas reflexões a respeito da angústia, podemos cair na armadilha da culpabilidade, isto é, ao fazer considerações sobre a determinação própria do indivíduo, ele não crê que o ser humano já nasce sob a gênese do pecado (ou da culpa), mas, sim, que o indivíduo é culpado em virtude do destino (das escolhas). A singularidade é o que nos define como seres humanos, nossas diferenças, nossos anseios, nossas incertezas.

Essa contradição, se concebida numa maneira equivocada, fornece o conceito equivocado de pecado hereditário, e corretamente compreendida dá o conceito verdadeiro, de tal modo, com efeito, que cada indivíduo é ele mesmo e o gênero humano, e o indivíduo posterior não é essencialmente diferente do primeiro. (KIERKEGAARD, 2013, p.104).

As temáticas abordadas pelo filósofo em relação à angústia, desespero, melancolia, enfim, a problemas existenciais, demonstram que estas inquietações da alma faziam parte de sua própria vida.

Kierkegaard, ao abrir mão de um relacionamento amoroso, experimenta o afastamento, o isolamento, conseqüentemente, sua interioridade, e aquilo que o pensador se torna é resultado de sua convivência com a própria angústia.

Segundo Strathern (1997), Kierkegaard tornou-se um ser humano melancólico devido às ações tirânicas do pai e também o fim do relacionamento com Regine Olsen. Tais experiências existenciais o levaram a um estado de profunda angústia e, conseqüentemente, serviram de base para a produção de grande parte

de seu trabalho filosófico. A existência é um risco colossal, ou seja, nunca saberemos o que nos aguarda ao final do abismo: a vertigem assola a alma.

Todavia, Kierkegaard, um ser angustiado e castigado pelas desventuras da vida, se valeu da melancolia como força motriz para produzir diversos e importantes tratados filosóficos: “Ou isso, ou aquilo: Um fragmento de vida”, 1843; “Temor e Tremor”, 1843; “Migalhas Filosóficas”, 1844; “O Conceito de Angústia”, 1844; “O Desespero Humano”, 1849; dentre outros.

A respeito do filósofo dinamarquês, Ferguson afirma que o que empolga em Kierkegaard é que,

Concluída sua missão de revelação, ele não se retira presunçosamente com um sorriso no rosto. Ele não desiste. Deixando para trás a reação estética, prossegue em sua busca do significado, exortando-nos a fazer o mesmo, convencido de que o vazio que tanto nos empenhamos em evitar, talvez não seja, no fim das contas, um vazio realmente. (FERGUSON, 2018, p. 32).

As experiências humanas, como a angústia e como a melancolia, nos levam em busca do entendimento de nós mesmos. Seja no ambiente familiar, seja no profissional, estes problemas existenciais sempre, ou quase sempre, estarão presentes. As nossas escolhas estão intrinsecamente ligadas à questão da liberdade; isso fatalmente pode provocar situações de angústia pelo fato de termos que escolher entre isso ou aquilo.

Kierkegaard nos mostra que o rumo que tomamos, aquilo que escolhemos fazer ou não fazer, é como se mergulhássemos fundo no oceano das decisões e isso levar-nos-á às mais profundas indagações acerca de nossa própria existência:

Esta é a realidade que é precedida pela possibilidade da liberdade. Mas a possibilidade da liberdade não consiste em poder escolher o bem ou o mal. (...) A possibilidade consiste em ser-capaz-de. (KIERKEGAARD, 2013, p.53).

Aquilo que experimentamos, fruto de nossa escolha, impelida pelas possibilidades, faz com que sejamos o resultado, a consequência daquilo que ousamos chamar de liberdade. Somos seres complexos e ao mesmo tempo incompletos, buscamos diferentes respostas para as mesmas perguntas, pois estamos nos questionando o tempo todo. Viver de verdade é provar e mergulhar no

turbilhão de possibilidades, no qual estamos envoltos - se há conflito, haverá angústia.

É verdade que as nossas decisões são muitas vezes cerceadas por questões éticas ou morais; são os abismos que nos provocam vertigens até se metamorfosearem em angústia. Dentre as muitas possibilidades, deve existir a consciência do saber escolher.

É quando nos deparamos com a finitude da matéria e infinitude das possibilidades.

## **2.2. A angustiante liberdade de escolha em Graciliano Ramos**

Nesse livro autobiográfico, Graciliano descreve a violência, a opressão paterna, as agruras às quais muitos de nós somos submetidos. Nas narrativas desta obra, o autor tenta entender o porquê de tantas aflições e os possíveis motivos que levam o ser humano a atitudes tão vis. Nesse contexto, propomos aos educandos a pensar sobre suas próprias frustrações, incertezas e melancolias, talvez geradas por atitudes vividas na própria infância.

O excerto a seguir foi retirado de uma carta escrita por Graciliano Ramos a Raul Navarro, tradutor argentino, para ser anexado a um conto em vias de publicação em Buenos Aires, enviada em novembro de 1937:

Os dados biográficos e que não posso arranjar, porque não tenho biografia. Nunca fui literato, até pouco tempo vivia na roça e negociava. Por infelicidade, virei prefeito no interior de Alagoas e escrevi uns relatórios que me desgraçaram. Veja o senhor como coisas aparentemente inofensivas inutilizam um cidadão. Depois que redigi esses infames relatórios, os jornais e o governo resolveram não me deixar em paz. Houve uma série de desastres: mudanças, intrigas, cargos públicos, hospital, coisas piores e três romances fabricados em situações horríveis: Caetés, publicado em 1933, S. Bernardo, em 1934, e Angústia, em 1936. Evidentemente, isso não dá uma biografia. Que hei de fazer? Eu devia enfeitar-me com algumas mentiras, mas talvez seja melhor deixá-las para romances. (RAMOS, 2008, p. 123).

Neste contexto, a literatura pode servir como suporte, não para resolvermos, mas para, em certa medida, tentarmos, por intermédio da alteridade, compreender que a escrita, literária ou não, nos permite externar uma infinidade de sentimentos, a saber, a angústia.

Graciliano Ramos, em seu livro “Infância”, narra eventos biográficos nos quais a tirania de seus pais dilacera imensamente o seu espírito, mais do que a carne. Curiosamente, tais situações interferiram em seu caráter e, indiretamente, fizeram com que se tornasse um dos maiores escritores da literatura brasileira. Ao lermos esta obra, fazendo uso da alteridade, dividimos nossa angústia com o autor, nos embrenhamos num labirinto de palavras e sentimentos, que refletem não somente a dor angustiante do *eu*, mas a dor angustiante que tem se perpetuado por toda a história da humanidade.

Graciliano, ao discorrer sobre aquilo que o afligiu quando garoto, nos transporta ao cotidiano, que não se restringe às punições impostas, aparentemente, sem explicação alguma, pois ao tentar entender o porquê de tamanho sofrimento, já deixa em aberto um questionamento filosófico:

Nos sofrimentos habituais eu percebia gestos desarrazoados, palavras coléricas. A minha vida era um extenso enleio que sobressaltos agitavam. (RAMOS, 2008, p. 24).

As aflições da alma, apresentadas na obra de Graciliano, relacionamos com a visão acerca da angústia, apresentada por Kierkegaard. Notamos que as análises feitas pelo filósofo dinamarquês apontam para a angústia como resultado de inquietações éticas provocadas pelas escolhas que a liberdade proporciona. Essas escolhas, dependendo do sujeito e da situação, podem ser éticas ou não.

Graciliano Ramos, em seu livro, não aborda explicitamente qualquer questão ética, todavia percebe-se que os castigos infligidos à personagem biográfica da obra utilizada neste trabalho moldam, mesmo que de maneira brutal, às vezes sutil, o caráter do protagonista. A este, oferecem a oportunidade de ler e escrever.

A reviravolta do meu pai alvoroçava-me. O juízo favorável e imprevisto levá-lo-ia talvez a jogar-me segunda isca louvando o papel escrito, engabelar-me, obrigar-me a iniciar a leitura do volume temeroso que me andava na imaginação e estragava os divertimentos na areia do beco. (RAMOS, 2008, p. 96).

À primeira vista, isto lhe parece um suplício, porém a proposta se configura como o primeiro ato de liberdade, o que implica na angústia da escolha. Mesmo sem o devido entendimento a respeito de escolha, o personagem decide-se por algo que

marcará futuramente sua vida: “A liberdade que me ofereciam de repente, o direito de optar, insinuou-me vaga desconfiança. Que estaria para acontecer?” (RAMOS, 2008, p. 90).

Importante salientar que Graciliano não vê suas angustiantes agruras como resultado de uma simples escolha. O que chama a atenção é que muitas das ações que dilaceram sua alma não são frutos de sua escolha, parecem eventos aleatórios que estremecem seu espírito.

Muitas infelicidades me haviam perseguido. Mas vinham de chofre, dissipavam-se. Às vezes se multiplicavam. Depois, longos períodos de repouso. Em momentos de otimismo supus que estivessem definitivamente acabadas. (RAMOS, 2008, p. 92).

Graciliano Ramos, em sua narrativa, discorre sobre os constantes maus-tratos impostos, ora pelo pai, ora pela mãe. Além dos problemas domésticos, Graciliano também vivenciou as agruras da escola, que ele próprio a compara ao inferno: “A escola, segundo informações dignas de crédito, era para onde se enviavam as crianças rebeldes. (...) A escola era horrível – e eu não podia negá-la, como negara o inferno” (RAMOS, 2008, p. 97).

Ainda em relação aos tempos de escola, Graciliano convive e presencia agruras semelhantes às suas: um garoto é motivo de chacota por parte dos professores e de alguns colegas. Este menino é aviltado, espancado, a este são dirigidos inúmeros impropérios, porém, o narrador-personagem de “Infância” apenas observa e relembra das semelhanças sofridas em casa. Do capítulo “A criança infeliz”, podemos destacar este excerto:

Não era só isso: atiravam-lhe palavras ásperas, rosnavam insultos. Fingia não percebê-los, diligenciava abrandar as almas oferecendo-nos indicações úteis, em geral aceitas com indiferença ou repelidas. (...) Às vezes o homem se excedia: amarrava os braços do garoto com uma corda, espancava-o rijo, abria a porta, e a desesperada humilhação exibia-se aos transeuntes, fungava, tentava enxugar as lágrimas e assoar-se. (...) A lembrança motivara a associação. (RAMOS, 2008, p. 210 - 212).

Na escola, no trabalho, nos mais diversos locais que frequentamos ou que nos encontramos, quando estamos tentando definir o nosso próprio eu, é inevitável as comparações, as autocríticas, seja por intermédio de eventos presentes ou daqueles que permanecem em nossas longínquas reminiscências.

É assim que Graciliano personagem se comporta, ao se ver refletido no colega que sofre calado. Naquele momento o personagem escritor se comove, porém, mais tarde, analisa e reflete acerca dos diferentes caminhos que cada um trilhou.

Deixei-o no colégio, perdi-o de vista. E reencontrei-o modificado. Ao iniciar-se no crime, andaria talvez pelos quinze anos. Atirou num homem a traição, homiziou-se em casa do chefe político e foi absolvido pelo júri. Realizou depois numerosas façanhas; respeitaram-lhe a violência e a crueldade. (RAMOS, 2008, p. 214).

O escritor, contudo, tornara-se uma pessoa dura ao invés de alguém bruto. Muitas vezes a angústia e a melancolia servem como subterfúgio, ou até como porto seguro para uma nau aparentemente desgovernada, que procura refúgio na tentativa de compreender a própria existência.

As escolhas são sempre difíceis, muitas vezes nos causam pavor devido às inúmeras possibilidades que nos confrontam constantemente. Todavia, a partir do momento que entendemos a profundidade do conceito de liberdade, que essa nos afeta não apenas como indivíduos, mas como parte de um contexto social maior, talvez consigamos alcançar a infinitude do que é ser humano.

Pais, irmãos, escola, professores, colegas, fazem parte de nossas experiências de vida, ora nos testando, ora provocando sentimentos amargos e lancinantes. Nossa aventura humana pode se comparar à de Graciliano. Os eventos em si podem ser diferentes, no entanto, temos que escolher constantemente.

Essa angústia nos acompanhará até o momento que atingirmos a nossa finitude como matéria. Assim, vamos nos moldando, nos adaptando a um mundo que passa por inúmeras transformações. Podemos optar em seguir o rumo da “criança infeliz”, ou caminhar em direção à infinitude das possibilidades.

### **3. SCLiar E A LITERATURA COMO ELEMENTO REVELADOR DOS ESTADOS DA ALMA**

Moacyr Scliar, escritor e médico brasileiro, escreve sobre a angústia a partir do viés científico, literário e filosófico, em “A melancolia na literatura”. Neste texto, Scliar aborda autores brasileiros consagrados, como Machado de Assis, alguns autores europeus, além de relatos bíblicos, como a experiência do primeiro rei hebreu, Saul. O autor procura nos aproximar do conceito de angústia, por intermédio dessa experiência arrebatadora, que não poderia ser considerada simplesmente dogmática, mas algo atemporal que esteve e está presente em nosso cotidiano, algo devastador e ao mesmo tempo revelador.

Scliar argumenta que autores europeus, do século XVIII ao início do século XX, influenciaram sobremaneira escritores brasileiros, tanto na questão estilística quanto na exploração de algumas temáticas que diziam respeito às inquietações da

alma. Na literatura brasileira moderna e contemporânea, diversos autores abordaram tais aspectos na poesia, em contos ou em romances célebres.

O escritor Scliar divide conosco um pouco de sua experiência com o tema em questão:

Há um tema que atrai particularmente a atenção dos autores: a melancolia, que os antigos conceituavam como uma tristeza mórbida, resultante, segundo os gregos, do excesso da “bile negra”, um dos humores que governavam o temperamento humano. (SCLIAR, 2009, p. 2).

Em seu texto, Scliar faz inúmeras alusões a diversos estados de melancolia, desde a antiguidade grega, passando pelo Antigo Testamento e Bíblia Sagrada até Shakespeare e outros autores medievais, modernos e contemporâneos.

No primeiro parágrafo de seu texto, Moacyr Scliar afirma que há uma relação entre a medicina e a literatura pelo fato de ambas tratarem da singular condição humana: a doença. A doença, de acordo com texto, nos torna frágeis, debilitados e ficamos suscetíveis a tudo e a todos.

Outro ponto interessante deste texto é a relação da narrativa na literatura, assim como ocorre na medicina. Na literatura o autor narra eventos que dizem respeito às mais variadas situações da condição humana. Na medicina, por sua vez, o paciente narra seu estado físico e mental, sua condição humana devido à doença.

É interessante notar que Scliar, ao se referir a muitos autores da literatura mundial, reitera que estes, em seus escritos, conseguem abordar os estados da alma com maior profundidade que alguns manuais de medicina, por exemplo.

Exemplos não faltam. Temos —A morte de Ivan Illitch, de Leon Tolstoi uma dilacerante narrativa sobre um homem que tem uma doença grave e não consegue comunicar-se com seus médicos ou com sua família; —A montanha mágicall, de Thomas Mann, no qual a tuberculose faz com que pessoas examinem suas vidas; isto sem falar nas obras de médicos-escritores como Anton Tchekhov, Guimarães Rosa, Pedro Nava. Maravilhosas descobertas podem ser feitas no comum território partilhado pela medicina e pela literatura. (SCLIAR, 2009, p. 1).

O texto “A melancolia na literatura” nos apresenta episódios da vida do Rei hebreu Saul, personagem bíblico que toma várias decisões questionáveis. Tais decisões fazem com que o rei seja afligido por um sentimento insuportável, chamado de “mau espírito”. Este “mau espírito” era conhecido pelos gregos como tristeza



mórbida, resultado do excesso da bile negra, responsável pelos humores que governavam o temperamento humano.

Esses seres sofredores eram considerados, pelos antigos, como seres “anormais”, capazes de ver aquilo que outros não viam, sentir aquilo que outros não sentiam. Essas características, de acordo com alguns filósofos, era o que impulsionava a verve da criatividade.

A melancolia estava presente em Dom Quixote de La Mancha, personagem da obra “O engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, de Miguel de Cervantes. Dom Quixote, impelido pelos livros que lia e por um final de vida melancólico, se aventura pelo mundo em “busca de glória” e da mulher amada. Curiosamente, não temos certeza se tudo isso não passava de loucura ou era fruto de uma tristeza talvez mórbida, de uma alma inquieta.

Scliar (2001) afirma que também muitos autores portugueses se valeram da saudade associada à tristeza, à melancolia, para produzir obras importantes da literatura mundial: de Pero Vaz de Caminha a Luiz Vaz de Camões, passando por Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Eça de Queirós e tantos outros autores lusitanos.

O início da modernidade, segundo Scliar (2009), trouxe uma infinidade de transformações culturais, econômicas e científicas; tais mudanças acarretaram excessos e, conseqüentemente, desgosto e melancolia. Tudo muda com o advento da modernidade que é um fator de desagregação das estruturas sociais e culturais pré-existentes. Como resultado, a melancolia passa a ser um tema constante em diversas expressões artísticas: em letras de canções, filmes e, principalmente, na literatura.

Scliar discorre sobre a melancolia com citações de autores europeus e brasileiros: Tolstói e Dostoiévski com seus personagens inquietos, mórbidos ou embrutecidos pelas dores da alma, Shakespeare com seu melancólico personagem Hamlet, Machado de Assis com seu alienista, que aparentemente estava preocupado com os outros, mas no fundo ele era que estava “doente”, e Brás Cubas, o melancólico pessimista.

Ainda podemos citar o poeta Baudelaire, que em um dos poemas da coletânea “Spleen de Paris”. mostra seres humanos debaixo de um céu escurecido,

em uma natureza quase morta e que estão sob o jugo de uma quimera que os guiava para um destino incerto. Nenhum deles se questionava sobre o que estavam fazendo, apenas se resignavam e aceitavam aquele destino cruel. Todos têm as suas quimeras, as suas melancolias, o que fazer com elas está dentro das possibilidades que, infelizmente, nem todos conseguem perceber.

Enfim, a bile negra, a tristeza profunda, a dor da alma, sempre foi e acredito que ainda será o combustível para muitos criadores e criações. Scliar (2009) escreve que a depressão é a melancolia sem aura, sem o componente intelectual, filosófico, que a caracterizava no período da Renascença, este por sinal um dos períodos mais férteis em termos de criação artística na história da humanidade.

Da melancolia à depressão um longo caminho foi percorrido, um caminho marcado pelas grandezas e misérias da condição humana. Das quais toda a grande literatura inevitavelmente dá testemunho. (SCLIAR, 2009, p. 12).

## 4. PROPOSTA METODOLÓGICA A SER APLICADA NO ENSINO MÉDIO

Ao pensarmos a filosofia como método de ensino, imediatamente nos vem à mente a filosofia em sentido prático; esta, um pouco distante do academicismo que tem marcado não apenas o ensino em filosofia, mas também outras áreas do conhecimento.

O ensinar a filosofar, de Immanuel Kant, nunca esteve tão presente nos discursos filosóficos das universidades ou nas escolas de ensino básico. Porém o problema é que muitas vezes entre o discurso e a prática cria-se um abismo.

Afinal, a retenção do conhecimento por parte de alguns professores não seria uma espécie de autopreservação, ou seja, “eu, professor, sou detentor de todo o conhecimento, sou intocável, inalcançável, logo, necessito de toda atenção possível para pelo menos parte de meu conhecimento ser alcançado pelos alunos?”. Estas indagações podem ser tema para outra discussão, todavia não há como negar esse distanciamento entre o ensino e o conhecimento.

Kierkegaard, em seus escritos, já apontava o descompasso entre o discurso e a prática filosóficos:

Certo pensador eleva uma construção imensa, um sistema, um sistema universal que abraça toda a existência e história do mundo, etc., — mas se alguém atentar na sua vida privada, descobre com pasmo este enorme ridículo: que ele próprio não habita esse vasto palácio de elevadas abóbadas, mas um barracão lateral, uma pocilga, na melhor das hipóteses o cacifo do porteiro! (KIERKEGAARD, 1979, p. 351)

A pensadora brasileira Marcia Tiburi (2014) diz que se tornou clichê nos meios acadêmicos se falar em filosofia prática, o que ela afirma ser um paradoxo, já

que muitos acreditam que a filosofia é a “rainha das ciências” e, portanto, dotada do conhecimento em si mesma, conseqüentemente, intocável.

Tiburi também critica os castelos que se ergueram em torno da filosofia e de seu ensino, tornando-a burocrática e antidemocrática:

Contra o burocratismo acadêmico pretendo que haja uma filosofia mais suja de vida, mais crítica, mais aberta. Uma filosofia que se encanta e se enfrenta com o lado sujo da vida, o cotidiano, ele mesmo “não pensável”. (...) Podemos dizer, levando isso em conta, que filosofia é um tipo de experiência caracterizada pela reflexão, ou seja, pelo pensamento sobre o pensamento, e que, como qualquer outra experiência, tal como as artes (do teatro, do cinema, da literatura) ou das ciências (as ditas humanas, as ditas “exatas”), depende do que fizermos dela. (TIBURI, 2014, p. 278).

Eis a questão: tentar ensinar meu aluno a se conhecer e a reconhecer o mundo à sua volta por intermédio do pensar a filosofia, do filosofar.

Inicialmente, devemos entender o sentido etimológico da palavra *conhecer*, que seria perceber e incorporar à memória, ou ainda, tomar consciência de; a palavra *ensinar*, em seu sentido mais amplo seria repassar, transmitir experiência prática a.

Em seguida, a partir desses conhecimentos básicos, podemos desenvolver estratégias para trabalharmos as inquietações da alma, a saber, a angústia.

Partindo de Kierkegaard, sabemos que o filósofo sofria medonhamente de melancolia, no entanto, utilizou-se da mesma para vencer seus medos, seus problemas paternos mal resolvidos. Procurou, por meio da angústia, compreender a própria angústia que o levava à melancolia. Kierkegaard viu a angústia como um elemento de liberdade que o impulsionava a atingir o ideal do autoconhecimento. Qual o significado da palavra angústia? De que maneira a angústia ou a melancolia pode se tornar algo benéfico e positivo na vida de nossos alunos?

A partir destas simples perguntas, pretendemos levar o aluno a aprender a lidar com a angústia, e para que isso ocorra, pode-se ampliar a discussão tendo como base um trecho do livro “O conceito da angústia”, de Kierkegaard.

Pode-se introduzir a discussão por intermédio da leitura de um fragmento do prefácio, página 16, que apresenta o conceito de angústia por um viés dogmático, o que pode gerar uma discussão interessante, entendendo-se que grande parte dos alunos possui crenças ou dogmas inculcados socialmente.

O presente escrito estabeleceu como sua tarefa tratar o conceito “angústia”, do ponto de vista psicológico, de modo a ter *in mente* e diante dos olhos o dogma do pecado hereditário. Neste sentido, tem a ver também, embora tacitamente, com o conceito de pecado (KIERKEGAARD, 2015, p. 16).

Em seguida, usar parte do capítulo “A angústia subjetiva”, com o qual espera-se que os alunos compreendam como o autor discorre sobre a problemática das escolhas, comparando-as com um abismo. E “na angústia reside a infinitude egoísta da possibilidade, que não tenta como uma escolha, mas angústia, insinuante, com sua doce ansiedade” (KIERKEGAARD, 2015, p. 66).

Também se recomenda a leitura de parte do Capítulo V, no qual Kierkegaard compara a angústia a uma aventura. A seguir, a sugestão é procurar conceitos “mais fechados” acerca da angústia, como dos dicionários, e compará-los.

Por exemplo, no Dicionário Houaiss Conciso<sup>3</sup>, angústia significa redução de espaço ou de tempo, estado de ansiedade, inquietude, sofrimento. A partir deste e de outros conceitos sugeridos e pesquisados pelos alunos poder-se-á dar base argumentativa à discussão do tema.

A discussão pode ser intercalada com um tipo de sensibilização, tal como a provocada pela canção “Tempo Perdido”, de Renato Russo. Nesta canção, o cantor e compositor revela um tipo de sofrimento que não é exclusivo seu: a angústia em relação ao tempo. O jovem estudante poderá refletir sobre o fato de o mesmo não ter controle sobre aquilo que já se foi, todavia, talvez possa controlar o que está por vir.

O próximo passo seria a leitura do texto “A melancolia na literatura”, de Moacyr Scliar, o qual faz referência à melancolia. Se for possível, serão lidos alguns trechos das obras apontadas nos textos de Scliar: “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, e “Hamlet”, de Shakespeare, por exemplo.

Essas leituras poderão completar e ampliar a compreensão do texto de Kierkegaard, o qual, por si só, é extremamente complexo, pela forma e conteúdo, para ser lido isoladamente.

Finalmente, indica-se a conexão do texto de Moacyr Scliar, da canção de Renato Russo, da obra de Kierkegaard com alguns capítulos do livro “Infância”, de

---

<sup>3</sup> Dicionário Houaiss Conciso. Ed. 1. Rio de Janeiro: Moderna, 2011. p.59.

Graciliano Ramos, por intermédio de um debate ou de uma mesa redonda. Os capítulos a serem trabalhados poderão ser os seguintes: “Um cinturão”, “Leitura”, “Escola” e “A criança infeliz”, que trazem considerações sobre a insensibilidade do pai, o castigo físico, seguidos do sofrimento psicológico, a aflição do primeiro contato com a leitura, a escola vista como um lugar de “tortura” e tristeza em relação à dor e amargura alheia, em um local que, teoricamente, deveria trabalhar a igualdade e o respeito, a saber, a escola.

O debate considerará as similaridades temáticas, a fim de levar o aluno a refletir que a melancolia é atemporal, pois a mesma é abordada no século XIX, no início do século XX, meados do século XX e século XXI. Também é importante fazer o aluno perceber que a melancolia, para alguns escritores, serve como antídoto contra a própria melancolia - foi assim com Kierkegaard, foi assim com Graciliano Ramos.

Portanto, cabe ao professor enfatizar o que cada pensador ou escritor teorizou ou abordou em seu devido tempo, e que aqueles que os sucederam deram continuidade a questionamentos atemporais. Assim como os céticos da Antiguidade demonstraram inquietação em relação à existência ou não de um ser supremo, os estóicos pregaram uma espécie de determinismo e esses temas foram retomados posteriormente por outros pensadores.

Ao se deparar com essas historicidades e pensamentos distintos, o aluno talvez seja capaz de analisar e perceber que os textos filosóficos e os assuntos neles apresentados não se atêm apenas ao sentido explicativo ou histórico, já que podem ser tomados como ponto de partida para a construção do pensar filosófico.

Portanto, o filosofar, o pensar criticamente fará, quiçá, o aluno se portar diferente, pois pelo intermédio da apropriação do conhecimento filosófico o estudante estará aberto à introspecção e aos constantes questionamentos podendo, assim, lidar com suas angústias.

## **5. CONCLUSÃO**

Antes de se falar em didática no ensino de filosofia, deveríamos nos perguntar: o que é didática? Qual a importância da didática? Dentre outros questionamentos.

Segundo o Dicionário Houaiss<sup>4</sup> a didática é parte da pedagogia que trata dos preceitos que orientam a atividade educativa de modo a torná-la mais eficiente.

Logo, utilizar a didática pressupõe-se um objetivo, que seria a eficácia por meio da eficiência. Assim, cabe ao professor compreender que ensinar não se trata apenas de lançar ao aluno conteúdos vazios, sem a menor conexão com a realidade em que eles vivem. Instrumentalizar o educando é fazer com que ele reflita acerca dos problemas que o cercam e, por intermédio dos “conteúdos” transmitidos, fazer as devidas inferências para que este, conseqüentemente, possa questionar e inserir-se socialmente em uma sociedade que, muitas vezes, ele não consegue compreendê-la em sua totalidade.

A multiplicidade filosófica, seja no que tange aos filósofos e à própria filosofia, faz com que o ensino da filosofia na contemporaneidade seja um desafio. Devido a essa multiplicidade e às constantes mudanças sociais e políticas, deve-se pensar em um ensino que não seja estanque nem fechado. Dessa maneira, faz-se necessário reavaliar, ou até mesmo abandonar alguns paradigmas, no que diz respeito ao próprio ato de “ensinar”.

É também importante ressaltar que o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento com os textos filosóficos deve ser entendido como algo que tende a somar e ampliar a questão dialógica. Assim, acreditamos que a sensibilidade, proporcionada pelas artes como a música, as artes visuais, a literatura e outras expressões artísticas, por vezes muito próximas dos alunos, podem, em certa medida, contribuir, quando mediada, para um diálogo com a filosofia, pois abordam temáticas ou problemas que fazem parte do cotidiano de muitos de nossos educandos, e assim poderão fazer com que o nosso aluno se abra em atitude reflexiva para compreender de forma mais ampla toda a complexidade da filosofia ou das ciências, por exemplo.

Dessa forma, se o professor procurar desenvolver em seu aluno o entendimento, por meio da experiência, este será beneficiado, pois o entendimento e

---

<sup>4</sup> Dicionário Houaiss Conciso. Ed. 1. Rio de Janeiro: Moderna, 2011. p.303

a investigação do que é filosofar levará o aluno à proficiência no método de reflexão e de fazer inferências por si só, ou seja, esta ação produzirá autonomia neste aprendiz, assim como pensamento crítico.

Ao escolhermos a angústia, temática abordada neste trabalho, percebemos a importância deste assunto, já que a mesma faz parte do nosso cotidiano, assim como de nossos alunos. Procurar entender e discutir esse tema não foi tarefa fácil, tanto para a escrita deste trabalho quanto para uma possível discussão em sala de aula, já que o tema exigiu várias e repetidas leituras, além de inúmeras reflexões.

Kierkegaard, de acordo com alguns filósofos contemporâneos, é um pensador um tanto complexo; seus textos além de abarcar profundas discussões dogmáticas são de uma erudição assustadora.

Complementar o estudo de textos filosóficos com textos literários não é nenhuma novidade, no entanto, a forma de se trabalhar, de se relacionar diferentes tipos de texto, pode ser o diferencial.

A literatura escolhida utiliza uma linguagem acessível, o que facilita a compreensão e a consequente relação com os textos filosóficos. Graciliano Ramos mostra, em seu livro, experiências dolorosas e angustiantes. Em um primeiro momento, isso pode ser impactante para o discente; contudo, quando este perceber que as semelhanças empíricas vividas pelo personagem não diferem muito das suas, poder-se-á propor discussões que possam, no limite, questionar o que as ações humanas acarretam ao indivíduo e à sociedade em que está inserido.

Este dialogismo entre as diferentes áreas do conhecimento trará mais realidade à sala de aula, pois atitudes humanas são analisadas, discutidas e postas em xeque. A saber, o ser humano se angustia muitas vezes pelo próprio fazer humano: constantes cobranças, regras em excesso (às vezes a falta delas), imposições, concorrências injustas, metas etc.

Se tudo isso angustia cotidianamente aqueles que se dizem adultos, o que dizer daqueles que ainda estão fazendo suas primeiras escolhas?

Esta reavaliação deve passar pelo autoconhecimento, primeiramente em relação ao docente e, conseqüentemente, aos discentes, pois só a partir das posturas reflexivas acerca de si mesmo, da busca incessante pelo sentido das coisas, da busca pela verdade ou verdades, do entendimento a respeito da



alteridade é que, talvez, consigamos tornar o nosso aluno capaz de se inserir no mundo e de compreender aqueles que o cercam.

Portanto, no que diz respeito ao ensino de filosofia para o ensino médio, se faz necessária uma postura autocrítica: deixar a postura passiva e tornar-se uma espécie de professor provocador. Dessa maneira, espera-se que o discente consiga se alcançar sua autonomia e, por sua vez, se distanciar da superficialidade discursiva, se apropriando, assim, do conhecimento autoral propiciado por leituras mais profundas de autores clássicos e contemporâneos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CEPPAS, Filipe. **Para a realização de TCC em Filosofia**. In Carvalho, M.; Cornelli G. (org.). *Ensinar Filosofia* vol. 2, Cuiabá: Central de Texto, 2013.

DALBOSCO, Cláudio Almir. **Natureza da pesquisa em educação** – abrindo o leque de alguns problemas”, *In* HENNING, Leoni Maria Padilha (org.). Pesquisa Ensino e Extensão no Campo Filosófico-Educacional: possibilidades presentes no contexto universitário. Londrina: EDUEL, 2010.

**Dicionário Escolar da Língua Portuguesa/ Academia Brasileira de Letras**. Ed. 2. São Paulo: Editora Nacional, 2008.

**Dicionário Houaiss Conciso**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Moderna, 2011.

ECO, Umberto. **Como se faz uma Tese**. Tradução de Ana Falcão Bastos e Luís Leitão, São Paulo: Editorial Presença. (Cap. II – Escolha do tema: pág. 35-47 e Cap. IV- Plano de trabalho: pág. 125-132). <acesso em 21/01/2017>.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**: (a Meneceu). Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FERGUSON, Roberto. **Lições de vida: Kierkegaard**. Tradução de Clóvis Marques. Ed. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

HENNING, Leoni. **Pesquisa filosófica na Educação**: a formação do pesquisador e sua contribuição no campo educacional. *In* HENNING, Leoni Maria Padilha (org.) Pesquisa Ensino e Extensão no Campo Filosófico-Educacional: possibilidades presentes no contexto universitário. Londrina: EDUEL, 2010. (pág.21-40).

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de angústia**: uma simples reflexão psicológico-demonstrativa direcionada ao problema dogmático do pecado hereditário. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Ed. 3. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **O desespero humano**. Tradução de Carlos Grifo, Maria José Marinho, Adolfo Casais Monteiro. *In* Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

RUSSO, Renato. *Tempo Perdido*. EMI. 1986. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/legiao-urbana/22489/>> Acesso em: 19 dez. 2017.

RAMOS, Graciliano. **Cartas inéditas de Graciliano Ramos a seus tradutores argentinos Benjamin de Garay e Raúl Navarro**. Buenos Aires: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Infância**. Ed. 1. Rio de Janeiro: MEDIAfashion, 2008.

SCLIAR, Moacyr. **A melancolia na literatura**. Cadernos Brasileiros de Saúde Mental. Vol. 1, nº. 1, jan-abr. 2009. Florianópolis - Santa Catarina, 2009. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/995>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pequena história da melancolia brasileira**. In Folha de São Paulo - Caderno +Mais! - 17 jun 2001. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1706200108.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2018.

SÊNECA, Lúcio Aneu. **Sobre a ira – Sobre a tranquilidade da alma**. Tradução de José Eduardo S. Lohner. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

STRATHERN, Paul. **Kierkegaard em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

TIBURI, Marcia. **Filosofia Prática: ética, vida cotidiana, vida virtual**. Ed. 1. Rio de Janeiro: Record, 2014.